

Presidente (e) fake news: sentidos atribuídos à pandemia de covid-19 em um discurso de Jair Bolsonaro

Maurício João Vieira Filho (UFJF)*

<https://orcid.org/0000-0001-9638-7390>

Resumo:

Desde março de 2020, quando o marco da pandemia de covid-19 é instituído no mundo pela Organização Mundial da Saúde (OMS), as vidas foram impactadas desigualmente com o espalhamento do coronavírus e das consequências da doença. No Brasil, o vírus se alastra na proporção de desinformações e ataques governamentais. Neste artigo, objetiva-se analisar o discurso de Jair Bolsonaro na reunião de trabalho com o prefeito de Chapecó, João Rodrigues, com vistas a compreender os sentidos atribuídos à pandemia de covid-19 e às ações governamentais. Especificamente, entender as associações entre pandemia de covid-19 e epidemia de HIV/aids realizadas pelo então presidente do Brasil. Os caminhos metodológicos são provenientes da Teoria Semiolinguística e compostos pelas proposições da análise da situação de comunicação (Charaudeau, 2013), das estratégias discursivas (Charaudeau, 2011) e da violência verbal (Charaudeau, 2019). Para além, mobilizamos conceitos de desinformação, fake news, abjeção e estigmatização como lentes teóricas para análise do fenômeno discursivo. Como resultados, nota-se o arremetimento da desinformação proferida por Jair Bolsonaro a partir do estatuto de legitimidade, juntamente à mobilização de comparações anacrônicas e errôneas. Em relação à aids, Bolsonaro intensifica a estigmatização com a sugestão da contaminação eivada por sexualidades específicas, ações marcadamente compostas pela abjeção.

Palavras-chave: Discurso presidencial; Pandemia de covid-19; Brasil; Linguagem.

Abstract:

President (and) fake news: meanings attributed to the covid-19 pandemic in a speech by Jair Bolsonaro

Since March 2020, when the covid-19 pandemic milestone was set in the

* Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG) e jornalista graduado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Desde 2019, é integrante do grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6714652801645355>. E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com.

world by the World Health Organization (WHO), lives have been unequally impacted by the spread of the coronavirus and the consequences of the disease. In Brazil, the virus is spreading in proportion to misinformation and government attacks. The aim of this article is to analyze Jair Bolsonaro's speech at a meeting with the mayor of Chapecó, João Rodrigues, in order to understand the meanings attributed to the covid-19 pandemic and government actions. Specifically, to understand the associations between the covid-19 pandemic and the HIV/AIDS epidemic made by the then president of Brazil. The methodological paths come from the Semiolinguistic Theory and are composed of the propositions of analysis of the communication situation (Charaudeau, 2013), discursive strategies (Charaudeau, 2011) and verbal violence (Charaudeau, 2019). In addition, we mobilized concepts of disinformation, fake news, abjection and stigmatization as theoretical lenses for analyzing the discursive phenomenon. The results show that Jair Bolsonaro is spreading disinformation based on the status of legitimacy, along with the mobilization of anachronistic and erroneous comparisons. In relation to AIDS, Bolsonaro intensifies the stigmatization with the suggestion of a contamination caused by specific sexualities, actions marked by abjection.

Keywords: Presidential discourse; Covid-19 pandemic; Brazil; Language.

Introdução

Este artigo inicia com apontamentos contextuais que oscilam entre destacar a materialidade das consequências da pandemia de covid-19 e tentar perceber como as dores que cada pessoa sente são singulares e exigem empatia, comprometimento ético e respeito ao serem abordadas. Sabemos que olhar para trás e perceber o que vivemos ao longo dos últimos anos está carregado de sensações indigestas e de injustiças com mais de 706 mil pessoas que morreram em razão das complicações de saúde oriundas do desenvolvimento da covid-19¹. No entanto, é válido frisar que a doença tem sintomas e possibilidades de agravamento, mas,

na maioria, esse cenário poderia ter sido evitado, caso houvesse compromisso político-governamental em cuidar da população de modo ético, responsável e respeitoso. O que ocorreu foi o oposto, com a gestão da necropolítica (Mbembe, 2018) ancorada em escárnios nos discursos de negligenciamento da doença, do vírus e das mortes a partir de posicionamentos controversos de representantes políticos.

A partir do marco pandêmico instaurado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020, houve uma avalanche de problemas sociais reforçada pela ausência de atenção, organização e responsabilidade governamental, acarretando o atraso na compra de vacinas e a descrença de parte da população nas medidas sanitárias de proteção. Pablo Pérez Navarro (2021) escreve que a pandemia de covid-19 não trouxe mais desigualdades, mas aprimorou as que já estavam presentes no cotidiano das pes-

1 Conforme o Painel Coronavírus, atualizado pelo Estado, em 27 de outubro de 2023, o Brasil tinha 37.905.713 casos confirmados de covid-19 e 706.531 óbitos pela doença, como acumulado ao longo dos últimos três anos e meio. Números que representam pessoas e não devem ser vistos apenas como dados numéricos agrupados em um repositório. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 28 out. 2023.

soas com as precariedades. Nessa direção, no Brasil, quando atentamos para as condições sociopolíticas de desenvolvimento da doença, precisamos situar o momento político no qual a pandemia iniciou com Jair Bolsonaro, um político de extrema-direita, na presidência.

Historicamente conhecido pela ausência de proposição de projetos de interesse público na carreira parlamentar ao longo de quase três décadas, Jair Bolsonaro é eleito para o cargo de presidente nas eleições de 2018 em um contexto trespassado por polarizações políticas e uso massificado de plataformas digitais como meios de articulação na angariação de possíveis eleitores. Desde o discurso de posse presidencial, mas antes com o conhecimento histórico das controvérsias políticas que carrega, Jair Bolsonaro se projeta como um salvador — tal como o seu sobrenome “messias” sugere — do país, o qual ganhou uma segunda vida após levar uma facada durante a campanha política em Juiz de Fora e um enviado capaz de resolver problemas do Brasil, pautado em um projeto ancorado ao espectro da direita política (Procópio Xavier; Vieira Filho, 2020; Vieira Filho; Procópio, 2020).

Em 2020, quando o coronavírus avança, no Brasil, “o que vimos são discursos presidenciais que seguiam caminhos antagônicos às recomendações sanitárias, intensificando disputas polarizadoras e negacionismos” (Vieira Filho, 2022, p. 175). Ao invés de priorizar condições dignas de vida para a população, atentando-se às condições de vulnerabilidade dos brasileiros, o governo federal, expressivamente a figura do presidente à época, apropriou-se da linguagem para realizar discursos embasados em opiniões e crenças, enevoados pelas imprecisões e por mentiras, juntamente aos ataques à vida das pessoas e às mortes que aumentavam, com

vistas a abrandar a situação caótica instaurada sem a ampla vacinação da população e sem a adoção de medidas eficazes para reduzir o contágio.

Na conferência “Cartografia dos discursos em tempos de crise sanitária” realizada em 2021, Patrick Charaudeau (Plenaria, 2021) destaca que uma pandemia é um evento que se registra na história das crises sanitárias e afeta todos os lugares do mundo, porém os significados vão depender do contexto cultural de cada país. Tem-se, assim, que as medidas governamentais e as ações da população terão como base os imaginários construídos nos discursos dentro daquele contexto. Ao tomar essa compreensão como base, parece-nos que a situação do Brasil evidencia a singularidade de um país repleto historicamente de desigualdades sociais e econômicas, com as quais o governo não lidou, somadas aos discursos políticos presidenciais de descrença na covid-19.

Nesse sentido, em consonância às palavras do linguista, atentar-se ao discurso político é se debruçar em um ato de linguagem central para o desenvolvimento da política, isto é, torna-se possível organizar ações pela linguagem e produzir sentidos (Charaudeau, 2011). Discurso e política estão entrelaçados de tal modo que não é possível pensá-los desassociadamente em um regime democrático. Assim, é possível apreender “o discurso político como ato de comunicação [que] concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições ou consensos” (Charaudeau, 2011, p. 40). Assim sendo, o discurso político durante uma pandemia é crucial tanto para orientar a população quanto para estabelecer diretrizes, acordos e ações de combate.

Por esse motivo, aqui, mobilizamos um discurso presidencial realizado em 7 de abril de 2021, um ano depois do início da pandemia de covid-19, em uma reunião de trabalho na cidade de Chapecó, em Santa Catarina, com o prefeito João Rodrigues, apoiador de Jair Bolsonaro. Objetiva-se, com isso, analisar esse discurso com vistas a compreender os sentidos atribuídos à pandemia de covid-19 e às ações governamentais. Especificamente, queremos entender as associações entre pandemia de covid-19 e epidemia de HIV/aids realizadas pelo então presidente do Brasil.

Os caminhos metodológicos delineados para este trabalho são provenientes da Teoria Semiolinguística e compostos pelas proposições da análise da situação de comunicação (Charaudeau, 2013), das estratégias discursivas (Charaudeau, 2011) e da violência verbal (Charaudeau, 2019). Para além, mobilizamos conceitos de desinformação, fake news, abjeção e estigmatização como lentes teóricas para análise do fenômeno discursivo. O corpus é formado pela transcrição do discurso² e pelo vídeo de 53 minutos postado no canal oficial do governo do Brasil no YouTube, cuja transmissão ocorreu ao vivo³. A definição pela análise desse

discurso é intencional, em razão de o dia 7 de abril ser celebrado o Dia Mundial da Saúde desde 1948. No ano de 2021, a data teve como marco “construir um mundo mais justo, equitativo e saudável após a covid-19 nas Regiões das Américas”, conforme divulgado pela Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e OMS. Mundialmente, a campanha da OMS teve o tema “construindo um mundo mais justo e saudável” (em inglês: “building a fairer, healthier world”)⁴.

Como estruturação do artigo, dividimos as discussões em quatro seções. Em primeiro, temos apontamentos sobre desinformação e o caminho tomado em ações políticas no país. Em outra seção, avançamos para aportes relacionados ao discurso político e à perspectiva linguística, os quais direcionam a análise discursiva. Em terceiro, procedemos à análise do corpus a partir de alguns conceitos provenientes da Teoria Semiolinguística para entender duas estratégias articuladas discursivamente naquele contexto. A última seção avança nas análises da especificidade de uma parte do discurso em que o presidente correlaciona a pandemia de covid-19 à epidemia de HIV/aids.

Uma pandemia viral em uma pandemia de desinformação: a ação da linguagem na construção de mentiras

O Interozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social (2019) qualifica a desinformação como um fenômeno que antecede a consolidação da internet e os serviços on-line. Trata-se de um mecanismo configurado para

2 A íntegra da transcrição do discurso está publicada no site da presidência do Brasil (Biblioteca Presidência da República, 2021). Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-reuniao-de-trabalho-com-o-prefeito-de-chapeco-joao-rodrigues>. Acesso em: 31 out. 2023.

3 O vídeo foi visto mais de 188 mil vezes e teve quase 800 comentários no YouTube desde que foi postado. As funcionalidades “gostei” e “não gostei”, botões que representam a aderência ou a rejeição do público, não estão disponíveis e foram desativados pelo canal, como é demonstrado pela plataforma (CanalGov, 2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z18xLxAKiZQ>. Acesso em: 31 out. 2023.

4 Informações publicadas em: <https://www.paho.org/pt/campanhas/dia-mundial-da-saude-2021-construir-um-mundo-mais-justo-equitativo-e-saudavel> e <https://www.who.int/campaigns/world-health-day/2021>. Acesso em: 31 out. 2023.

confundir pessoas, introjetar mentiras como se fossem fatos e distorcer o debate público com alguma finalidade. Com plataformas digitais e possibilidades de criação e compartilhamento de mensagens com amplificação de alcance e rapidez, a desinformação se alastra como um “rastilho de pólvora”, beneficiando, sobretudo, grandes corporações de tecnologia em termos de lucratividade e poder. Para tanto, um dos recursos da desinformação é se estruturar por meio de mensagens de fácil assimilação, com *memes* ou construções simples, para atingir o maior número de pessoas, ser inteligível e forjar uma mentira como verdade. O Intervozes alerta que a desinformação tem sido mobilizada como uma arma política cujo alvo são as instituições democráticas.

Em um contexto de descrença política, incutido por emergências conservadoras e polarizações, parece-nos, à luz dos argumentos de Miskolci (2021, p. 36), que essa “[...] esfera pública técnico-midiatizada ampliou o espaço para a já antiga manipulação e/ou polarização política que existia nas comunicações de massa”. A partir de 2013, com o estopim do evento conhecido como “Jornadas de junho”, esses espaços de comunicação foram articulados de forma mais intensa por políticos de extrema-direita, conseguindo adesão pública e amplificação com mensagens curtas e diretas.

O termo “fake news”, em tradução direta para notícia falsa⁵, ganhou atenção nesse cenário, embora o emprego tenha sido banali-

5 Acreditamos que “notícia falsa” seja uma expressão, por si só, contraditória. No campo do Jornalismo, as notícias são embasadas em fatos, checagens e fontes. Mesmo que nos aparente certa contradição, essa expressão se adéqua aos contextos e discursos políticos, sobretudo quando Bolsonaro ocupa a presidência, entre 2018-2022, diante às articulações pela linguagem em querer atrair eleitores e apoiadores com vistas a projetar uma determinada narrativa e conseguir adesão.

zado e descontextualizado em muitas abordagens. A fama das “fake news” emerge “[...] ao longo da disputa pela presidência dos Estados Unidos em 2016, quando o termo foi usado pelo então candidato Donald Trump contra seus adversários na mídia para desqualificar as informações que desfavoreciam sua candidatura” (Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2019, p. 7). Para Alves e Maciel (2020), por outro lado, não se pode tomar apenas esse evento ou o Brexit, por exemplo, como emergência das fake news, mas, sim, apreender as especificidades da cultura e da política que são atravessadas e constituídas por medos, crises de diferentes aspectos, descrenças nas organizações políticas e com veículos de mídia. Escrevem os pesquisadores que todos esses fatores criam “um terreno fértil para que todo tipo de discurso de ódio, teorias da conspiração e campanhas difamatórias ganhe maior proporção” (Alves; Maciel, 2020, p. 151).

Em continuidade nesse campo das desinformações, Alves e Maciel (2020) apontam uma definição para fake news com base em outros pesquisadores, a qual nos soa potente para avanços no campo da linguagem. Segundo eles, esse fenômeno vai além da falsidade e da mentira, ou seja, “[...] envolve desinformações produzidas em contextos de embate e disputa ideológica” (Alves; Maciel, 2020, p. 153). A partir dessa definição, podemos interpretar que as fake news são parte de uma disputa de narrativas cujos interesses se direcionam a ter uma certa posição como favorável e validada. Para isso ocorrer, a linguagem é primordial na configuração das ações de desinformação.

Dessa forma, dois exemplos se despontam como importantes de serem mencionados neste artigo: (i) as perseguições às diferenças, com mais afinco para as questões de

gênero; (ii) as articulações que envolvem o coronavírus e a covid-19. Em primeiro lugar, Miskolci (2021) apresenta como uma teoria da conspiração é impulsionada desde a década de 2010 por uniões políticas que visam impedir a aparição das questões de gênero. A partir da perseguição à “ideologia de gênero”, um conjunto de desinformações se avoluma nas mídias e plataformas digitais a fim de assegurar uma pressuposta moralidade cristã e defesa da instituição familiar. Nesse ínterim, “kit gay” e “mamadeira de piroca” surgem como mentiras cuja pretensão era atacar pessoas LGBTQIA+ para que uma narrativa política se consolidasse em prol da família cristã e de uma suposta proteção às infâncias. Um dos principais interessados na onda conservadora era, à época parlamentar, Jair Bolsonaro, que norteou um movimento contra o material escolar direcionado ao combate à LGBTfobia, ganhando destaque em canais de televisão e redes sociais (Miskolci, 2021).

Pessoas LGBTQIA+, em diferentes partes do mundo, mas com foco no Brasil, são miras de violências cotidianas. Com isso, instalou-se um pânico moral (Miskolci, 2021) na caça ao que ia contra o interesse sociopolítico. “A não submissão à heteronormatividade tem sido associada pelas campanhas de desinformação à ruína do modelo idealizado da família nuclear burguesa, patriarcal, branca e cristã” (Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2019, p. 11).

A pandemia de covid-19 é outra situação que se destaca pelo fortalecimento da desinformação e das fake news. Quando voltamos nesse contexto de saúde pública, houve indicação de medicações sem comprovação científica por políticos, desconsideração das medidas sanitárias de contenção aos avanços virais e invenções sobre a importância da vacinação. Falcão e Souza (2021) resga-

ram que a própria OMS tem alertado para os riscos da “infodemia” — uma pandemia de informações — na sociedade, uma vez que a avalanche de conteúdos sobre o tema soterra as pessoas em meio ao caos, com dificuldades de discernimento do que é confiável ou não e do que deve ser seguido ou não, assim como gera um grande mal-estar para a vida das pessoas. Apesar de a pandemia exigir esforços continuados para entender o coronavírus, com ela, veio a apropriação de sujeitos interessados em ter suas narrativas como validadas. O jornalismo, por exemplo, foi uma das instituições atacadas com vistas a descredibilizar o trabalho de enfrentamento à desinformação e o compromisso social em divulgar notícias com factibilidade. Embora Barbosa e Coutinho (2023) tomem que a pandemia de covid-19 tenha encerrado⁶, os autores sugerem que uma infodemia permanece patente no Brasil, adaptando-se aos diferentes contextos sociopolíticos. “Ou seja, por mais que a desordem de um vírus tenha colaborado para o disparo em massa de desinformação, originando o termo Infodemia, a vacina do vírus não foi capaz de acabar também com as fake news” (Barbosa; Coutinho, 2023, p. 50).

É válido frisar, novamente, que, “no Brasil, as fake news contam com um aliado no mínimo curioso. Trata-se do próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, que desde o início da pandemia vem tratando

6 Faz-se necessário destacar que, até o momento de desenvolvimento deste artigo (outubro de 2023), a pandemia de covid-19 não havia sido encerrada pela OMS, mas o fim da Emergência de Saúde Pública, o que significa uma situação mais controlada nas internações hospitalares. Porém, a OMS mantém o estatuto de pandemia para a covid-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 30 out. 2023.

o assunto como apenas uma ‘gripezinha” (Falcão; Souza, 2021, p. 65). Léxicos como esse juntamente com “mimimi”, “histeria”, “fantasia” e tantos outros fortalecem a disseminação da desinformação no Brasil. Sucessivamente, investidas foram realizadas para negar a pandemia de covid-19 e se valerem da visibilidade que o cargo de presidente pode conferir (Falcão; Souza, 2021; Vieira Filho, 2022).

Nesta seção, nosso intuito não é esgotar um tema tão complexo, que exige esforços continuados de abordagem nas humanidades. Contudo, queremos lançar luzes para a figura de Jair Bolsonaro, personagem central ao considerar a perspectiva da desinformação e das fake news. Parece-nos que, em diferentes modalidades de discurso, seja em redes sociais ou em um púlpito direcionado aos apoiadores e à população em geral, o então presidente se valeu da notoriedade e da potencialidade que uma fala oficial pode trazer socialmente e, com isso, introduziu seus interesses à frente de ações de combate à doença e sem consonância com recomendações científicas e institucionais da saúde.

Discurso político pela perspectiva discursiva

Conforme Charaudeau (2011), é importante ter cuidado na análise de um discurso, uma vez que a situação de comunicação pode torná-lo político. Nesse sentido, o linguista atribui três possibilidades de classificação ao discurso político: um sistema de pensamento; um ato de comunicação; ou um comentário. Ambos podem se atravessar e constituir. Contudo, o discurso realizado por Jair Bolsonaro em Chapecó se configura como um ato de comunicação, pois se refere a uma reunião de trabalho, de caráter institucional, em uma visita ao Centro

Avançado de Atendimento Covid, no qual a presidência tenta estabelecer conexões com o governo municipal e estadual. Naquela viagem, além do então presidente, estavam ministros que participaram do encontro e a governadora de Santa Catarina (SC). Nesse sentido, envolve a mobilização da persuasão para criar determinados sentidos, sendo, no caso, direcionados à pandemia de covid-19 e à reiteração em proibir um *lockdown*⁷ — uma nova palavra incorporada ao português para se referir a uma medida emergencial de proteção com o controle de funcionamento de comércios, circulação de pessoas etc.

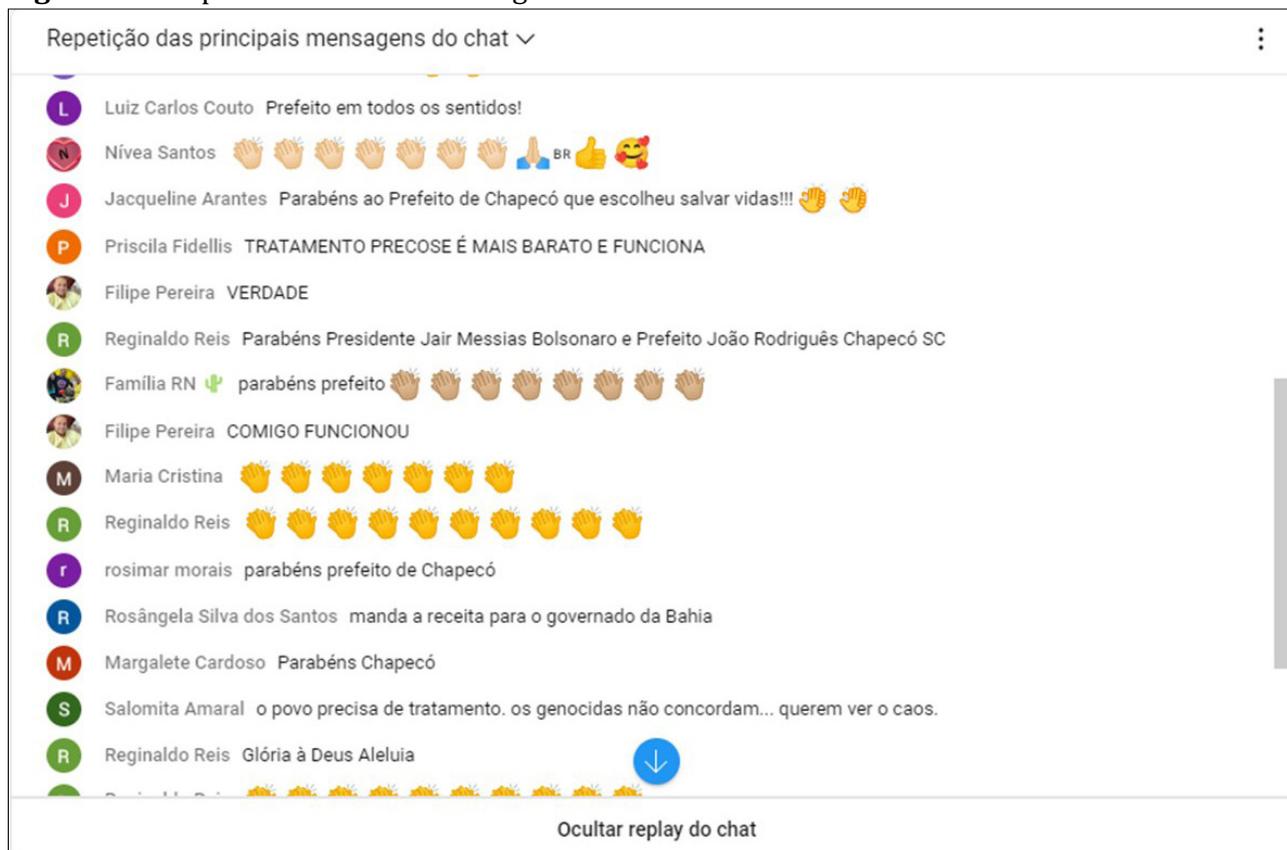
Escreve Charaudeau (2011, p. 40) que “o discurso político como ato de comunicação concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições ou consensos”. Por esse motivo, esse ato de comunicação pode ser lido como intra e extra governo, termos mobilizados por Charaudeau (2011) ao caracterizar o direcionamento de um discurso político. Especificamente ao discurso analisado, parece-nos uma manifestação que ocorre para conseguir governar com parceiros e aliados naquele momento de cobrança midiática e social por ações efetivas — logo, intra governo; mas também é um discurso extra governo ao ser televisionado, transmitido ao vivo pelo YouTube e com alcance de dife-

7 Esse anglicismo é uma palavra que ganha sentidos controversos por sujeitos e instituições negacionistas. No português, a palavra *lockdown* foi reconhecida recentemente ao vocabulário. Outra palavra associada à pandemia é *infodemia*, supracitada na primeira seção deste artigo, cujo significado se direcionada ao volume exorbitante de informações, sendo, por vezes, desinformações. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/lockdown> e <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>. Acesso em: 31 out. 2023.

rentes indivíduos ao longo do compartilhamento, bem como interações em tempo real, em grande maioria, aprovando os discursos.

A figura 1 exemplifica reações e mensagens de concordância, demonstrando a expansão dos discursos.

Figura 1 — Captura de tela das mensagens do chat ao vivo no YouTube*



Fonte: CanalGov (2021)

* Reproduzimos este material com a identificação dos usuários, haja vista que é de acesso aberto e público para qualquer internauta que desejar acessar o vídeo publicado no YouTube. Especificamente, a captura de tela mostra comentários realizados durante a fala do prefeito de Chapecó.

Por esse motivo, o primeiro movimento a ser feito diz respeito ao contrato de comunicação (Charaudeau, 2013), isto é, a união de sujeitos em um ato de linguagem. Precisa-

mos nos atentar para a identidade dos parceiros, a finalidade da troca comunicativa, o propósito e o dispositivo. No quadro abaixo, procedemos essa etapa.

Quadro 1 — Contrato de comunicação

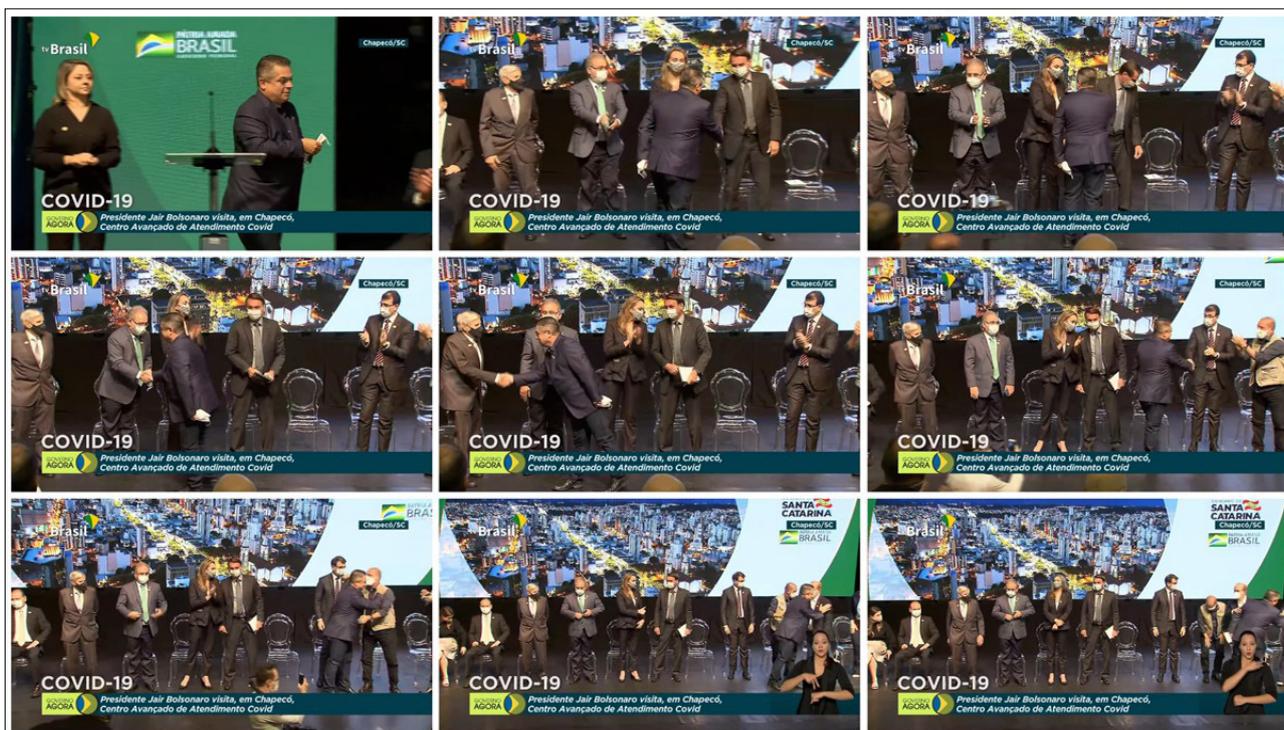
Identidade dos parceiros	Jair Bolsonaro, presidente do Brasil; João Rodrigues, prefeito de Chapecó; Daniela Cristina Reinehr, governadora interina de SC; Marcelo Queiroga, ministro da saúde (sujeitos que se pronunciam durante o evento). Há imprensa, aliados políticos, deputados, prefeitos, Augusto Heleno, ministro da Segurança Institucional, Carlos França, ministro das Relações Exteriores, Onix Lorenzoni, ministro da Secretaria Geral e público espectador.
Finalidade da troca comunicativa	Visita de trabalho da presidência à cidade para conhecer o Centro Avançado de Atendimento Covid. Usar a cidade de Chapecó como referência de atuação na pandemia.
Propósito	Destacar feitos de Chapecó no combate à pandemia; ações governamentais do município, de SC e do Brasil; reiterar posicionamentos de Jair Bolsonaro divergentes à OMS.
Dispositivo	Local de apresentações com púlpito e telão; transmissão ao vivo por plataformas do governo e na televisão pela TV Brasil.

Fonte: elaboração própria a partir das proposições de Charaudeau (2013)

É importante frisar que a situação de comunicação acontece com quatro sujeitos políticos que assumem o púlpito para fala. O evento inicia com um vídeo institucional da Prefeitura de Chapecó com enaltecimentos das ações para lidar com os casos de covid-19. O material é constituído por imagens de profissionais da saúde paramentados com equipamentos de proteção individual, pessoas em atendimento médico e números em destaque para evidenciar quedas nos dados. Ainda, a narração acentua a autonomia médica na prescrição das medicações que achar conveniente ao paciente. Nesse momento, um homem dá depoimento em concordância com a indicação de “tratamento precoce”, uma medida controversa às recomendações de saúde que envolve o uso de medicamentos sem eficácia no tratamento da covid-19 e sem qualquer função para prevenção ao vírus. Os representantes políticos no palco aplaudem quando a narração sublinha a queda de casos e a manutenção de empregos.

Antes do presidente, o prefeito — apoiador declarado de Jair Bolsonaro — discursa, sempre se dirigindo ao presidente, em favor do uso de medicações (sem eficácia científica e não orientada por organizações de saúde), sem citar o nome de qualquer fármaco, como medida que, segundo ele, pode ser usada conforme a liberdade de cada indivíduo e dos médicos. Ao final, ele se dirige ao público para solicitar que não proibam a liberdade da atuação médica em prescrever medicações. Para além, associa a economia — um dos principais pontos mobilizados durante a pandemia por Bolsonaro e políticos de extrema-direita — como um fator que projeta Chapecó com investimentos de empresários. Ao sair do púlpito, direciona-se aos políticos presentes no palco. Ele segurava nas mãos uma máscara facial que havia usado anteriormente, segue com cumprimentos e abraços — ações problemáticas ao observar as principais formas de transmissão do coronavírus.

Figura 2 — Prefeito de Chapecó cumprimenta políticos presentes



Fonte: CanalGov (2021, 10min18s–10min41s).

Apesar de o vídeo e o discurso do prefeito enaltecem Chapecó, a cidade possuía taxa de mortalidade superior à média do Brasil e de SC (Catucci; Borges, 2021). Além disso, um dia antes (6 de abril de 2021), o Brasil havia registrado recorde de mortes em 24 horas por covid-19 com mais de 4 mil vítimas. Até então, o país já ultrapassava 337 mil óbitos, quando Bolsonaro visitou Chapecó e frisou que “*lockdown*” não seria uma medida adotada pela gestão (G1, 2020). Esse histórico deve ser ressaltado na análise empreendida neste artigo, uma vez que os políticos que discursaram, o vídeo mobilizado antes dos discursos e os GC (legendas inseridas em tela) na transmissão televisiva e para as plataformas indicavam que as internações haviam sido zeradas em Chapecó. Porém, “com o colapso na saúde, o município de 224 mil habitantes suspendeu as atividades não essenciais por 14 dias no fim de fevereiro”, escrevem Catucci e Borges (2021, parágrafo 16), medida semelhante ao *lockdown*, a qual, consecutivamente, reduziu casos de contaminação pelo vírus e quadros de doença.

Seguido ao discurso do prefeito, vai ao púlpito Marcelo Queiroga, ministro da saúde — o quarto a ocupar o cargo desde o começo da pandemia de covid-19 durante o governo Bolsonaro⁸. Naquela ocasião, fazia duas semanas que Queiroga havia sido nomeado. Sua fala foi breve e alinhada institucionalmente aos interesses da gestão. Ele cita que assume um cargo cuja finalidade é criar políticas públicas para todas as pessoas, segue com enaltecimento de Jair Bolsonaro, ao indicar que o presidente deter-

minou a vacinação e investimentos em pesquisa científica. Termina com destaque para Chapecó e toma a cidade como exemplo em que houve autonomia médica e recuperação dos pacientes.

Já a governadora Daniela Reinehr, também em um breve discurso, cumprimenta em especial profissionais da saúde e menciona que aquele momento era de maior tranquilidade frente à evolução no combate à doença. Saliencia, tal como os anteriores, a realização do tratamento imediato dos pacientes e frisa que saúde e economia são instâncias que não podem ser negligenciadas.

Em seguida, ocorre o discurso de Jair Bolsonaro, o de maior duração daquela ocasião. A palavra “liberdade” é citada 11 vezes e mobilizada na abertura: “Liberdade acima de tudo. Pessoal, a nossa liberdade vale mais que a nossa própria vida” (Biblioteca Presidência da República, 2021, parágrafo 1). Importante salientar que liberdade é sempre uma condição evidenciada pela direita política historicamente, como rememora Pierucci (2013), embora seja uma liberdade circunscrita aos parâmetros morais e aos interesses conservadores. Jair Bolsonaro reitera a condição de liberdade do indivíduo com ancoragem em um versículo bíblico com vistas a ratificar seu discurso de liberdade para uso de determinados remédios e justificativa para ações de incentivo às pessoas saírem de casa.

Para o presidente, que diz lamentar as mortes, embora anteriormente já tivesse debochado da situação, como Falcão e Souza (2021, p. 65-67) resgatam em diferentes discursos de Bolsonaro durante 2020, esse momento pandêmico é como um “campo de batalha”, expressão articulada por ele no intuito de sugerir que se o governo e o setor médico não aderirem ao que tenta introjetar como válido, todos irão perder a luta.

8 Dois ministros de saúde, Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich, saíram do cargo por divergências com as ações de Bolsonaro na pandemia. Eduardo Pazuello, que era considerado subserviente ao presidente, deixa o cargo devido à pressão parlamentar (Motta, 2021).

Contudo, diante daquele contexto, parecemos que havia um campo minado, no qual pessoas estavam abandonadas à própria sorte sem a aplicação rápida e a intensificação de campanhas de vacinação. Nesse sentido, embora o presidente tente amenizar a situação usando Chapecó como exemplo — apesar de os fatos reportados pelos veículos jornalísticos sublinharem outros dados que não condizem com o vídeo institucional —, a ação presidencial, pelo impacto que causa em todos os cidadãos, deveria ser outra.

Após resgatar um histórico de idas a Chapecó, Bolsonaro segue para um ponto reiterado frequentemente neste discurso e em outros: a não adesão aos protocolos de quarentena e isolamento social. O contágio pelo coronavírus se dá por fluidos respiratórios que podem se espalhar pelo contato humano; via de transmissão ignorada em diferentes momentos nas aparições políticas, inclusive no evento em Chapecó — haja vista que mesmo com máscaras faciais, os representantes políticos estavam sentados lado a lado no palco e realizando cumprimentos por vezes. Perceber esse propósito nos possibilita entender, tal como Charau-deau (2011), que um discurso não é isolado e fechado, mas que é parte de uma trama interdiscursiva, com ecos de outros dizeres e discursos que serão ditos. Ao apontar a não concordância com o primeiro ministro de saúde, Bolsonaro levanta perguntas retóricas sobre tratamento imediato, com a sugestão de uso de medicações sem comprovação científica. Para empreender a indicação, segue com comparativos, sem ancoragem em dados comprováveis, de eventos históricos que teriam recorrido a artifícios para contornar problemas de saúde. Nesse momento, ele cita uma pergunta que fez ao ministro de saúde à época: “Eu não sou médico, mas se estado grave, segundo o teu

protocolo pode dar certo, por que não começa, desculpa a redundância, no início?” (Biblioteca Presidência da República, 2021, parágrafo 8) [sic]. A pergunta já evidencia a sugestão para aplicação de remédios em forma de “tratamento precoce”.

Por vezes, o discurso se volta para “autonomia médica” no intuito de sugerir a prescrição de medicamentos, tais como cloroquina e ivermectina — amplamente envolvidos em uma trama de fake news, e proxalutamida, citado pelo presidente no discurso (Figura 3), para pacientes com covid-19. Este trecho exemplifica as diretrizes do governo: “Hoje tem aparecido medicamentos ainda não comprovados, que estão sendo testados e o médico tem essa liberdade, tem que ter. É um crime querer tolher a liberdade de um profissional de saúde” (Biblioteca Presidência da República, 2021, parágrafo 12). Cabe destacar que o discurso de abertura do prefeito de Chapecó, supramencionado, também estava em consonância com tais interesses.

Figura 3 — Momento em que cita uma medicação e sorri com aplausos da plateia



Fonte: CanalGov (2021, 34min45s)

A sequência do discurso de Bolsonaro é voltada para rearranjar as cobranças e as críticas de sua gestão. Para tanto, ele frisa que o inimigo é o vírus e que sua ida até a cidade era por consideração a João Rodrigues, que, segundo ele, ambos foram ata-

cados quando eram deputados. Mais adiante, a vitimização retorna à cena quando lembra de ataques sofridos na campanha eleitoral. Em seguida, como a interdiscursividade aponta, Bolsonaro se direciona à imprensa para sugerir que as notícias divulgadas sobre a pandemia não são verdadeiras. Vale lembrar que iniciativas como *Fato ou Fake* representam esforços de asseverar a importância do jornalismo em tempos de desinformação e fake news (Barbosa; Coutinho, 2023). Após, Bolsonaro diz acreditar na ciência, embora tenha sido uma das áreas mais prejudicadas com a falta de incentivos em pesquisa durante os anos que esteve na presidência, e continua trazendo passagens de tempos bíblicos. Depois compara os tratamentos para aids com a indução para medicações sem comprovação científica no tratamento da covid-19; esse tópico será desdobrado com maior vigor mais adiante.

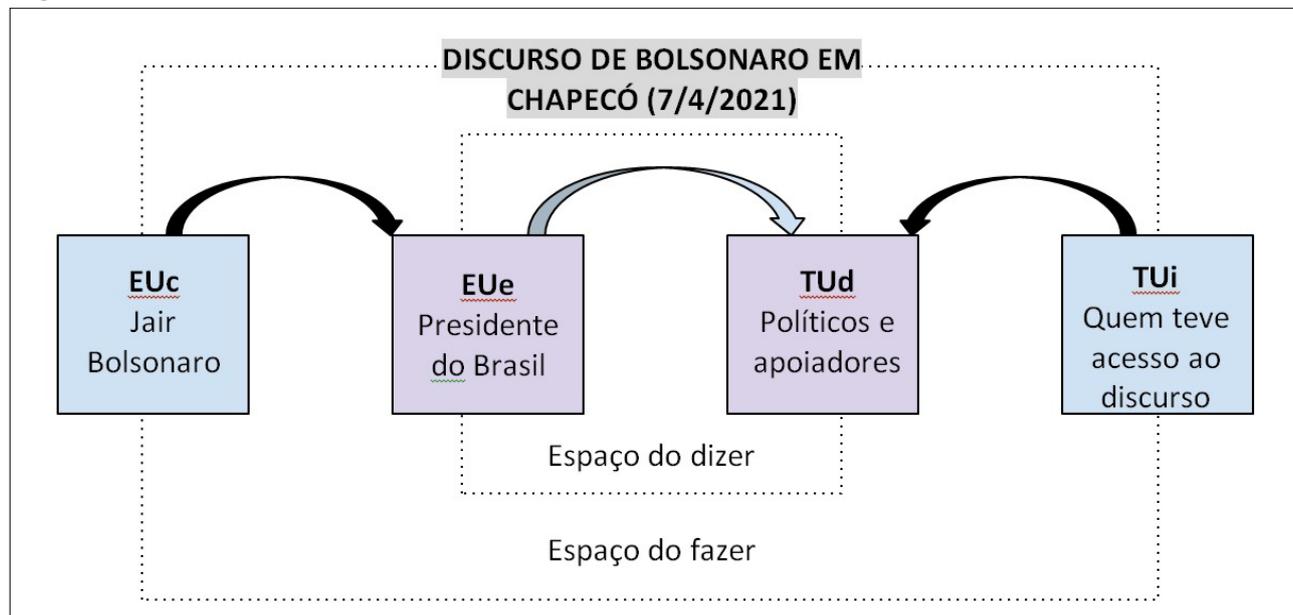
Por fim, Bolsonaro traz a questão econômica em pauta. Anteriormente, prefeito, governadora e vídeo institucional tinham se debruçado na propaganda de incentivos recebidos pela cidade como forma de assegurar empregos e investimentos. O presidente assegura que não implementaria medidas de contenção como *lockdown*. Ele continua, sem fundamentar em qualquer comprovação científica: “não vamos aceitar a política do fica em casa, fecha tudo, *lockdown*. O vírus não vai embora. Esse vírus, como outros, vieram para ficar. E vão ficar a vida toda. É praticamente impossível erradicá-lo” (Biblioteca Presidência da República, 2021, parágrafo 22). Segundo ele, a informalidade era grande no Brasil e esses trabalhadores estavam desamparados, recebendo auxílios do governo, com os quais Bolsonaro diz que não se sentir feliz em concedê-los e qualifica como “vivendo de favores do Estado”.

Outro tópico arregimentado discursivamente é a corrupção. Como a extrema-direita se vale, com frequência, em ataques aos governos de esquerda que comandaram anteriormente o Brasil (Miskolci, 2021), Bolsonaro afirma que a corrupção era o “maior câncer” do país e que, durante sua gestão, esse mal havia acabado. Adiante, ao citar a governadora presente no evento, o discurso tem caráter intragoverno, tomando-a como aliada por não concordar com medidas restritivas e ter a economia como norte.

É válido apontar que, em alguns momentos, a plateia reage com aplausos. Isso ocorre, por exemplo, quando cita o adversário de campanha à época, Fernando Haddad, com a pergunta direcionada aos presentes: “imagine os senhores se aqui nesse local tivesse o Haddad do PT? Como estaria o Brasil?”, em uma sugestão de ataque aos campos de esquerda política e de uma autoavaliação do mandato.

Ao observar o contrato de comunicação estabelecido, podemos montar o quadro interacional com base no discurso de Bolsonaro. Conforme Lysardo-Dias (2010), à luz da teoria semiolinguística de Charaudeau, o ato de linguagem ocorre em dois espaços: do dizer; e do fazer. O “EU” representa a instância de produção do discurso e o “TU” a de recepção. O espaço do fazer é composto por um sujeito empírico (sujeito-comunicante EUc) que se dirige a quem teve acesso (sujeito-interpretante TUi). No espaço do dizer, o EUc organiza seu discurso como sujeito-enunciador (EUe), o qual se projeta a um sujeito-destinatário idealizado (TUd) por ele. Essa composição da interação apresentada por Lysardo-Dias (2010) e Machado (2016) indica o envolvimento de interlocutores na comunicação, cujo sucesso ou fracasso depende dos sentidos que emergem.

Figura 4 — Quadro com base no discurso



Fonte: elaboração própria a partir de Machado (2016)

Legitimidade e credibilidade como estratégias

A comunicação pode ser tida como um teatro, isto é, uma encenação. A cena política, conforme Charaudeau (2011), envolve a representação de relações de poder, delimitação de papéis, textos e manobras. As estratégias discursivas são, assim, pensadas no intuito de obter sucesso. Aqui, destacamos duas: legitimidade e credibilidade. A primeira se refere ao que autoriza um sujeito a discursar em determinada situação. Nas palavras do linguista,

a legitimidade é realmente o resultado de um reconhecimento, pelos outros, daquilo que dar poder a alguém de fazer ou dizer em nome de um estatuto (ser reconhecido em função de um cargo institucional), em nome de um saber (ser reconhecido como sábio), em nome de um saber-fazer (ser reconhecido como especialista) (Charaudeau, 2011, p. 67).

No caso do discurso analisado, Bolsonaro se vale da legitimidade do cargo político ocupado, bem como ao contexto em que ocorre o discurso — uma visita presidencial,

cercada por apoiadores e políticos aliados. O estatuto de presidente confere, portanto, o direito de estar ali e pronunciar por ter sido eleito. Contudo, espera-se uma postura com a qual as pessoas possam confiar e acreditar. Ao perceber o modo de se pronunciar, os elementos articulados na tentativa de asseverar medidas ineficazes na gestão da pandemia e os apoios visados naquele espaço, tem-se uma aproximação com a autoridade. Segundo Charaudeau (2011), autoridade tem relação com um processo de submissão do outro. Nesse caso, há uma tentativa, organizada pela linguagem, de querer a submissão da população e dos governantes de municípios que sigam o que é dito. Quando Bolsonaro sinaliza para todos os prefeitos que se alinhem ao João Rodrigues, ele sugere uma posição a ser submetida. Outra passagem, no encerramento, coaduna com essa visada de autoridade:

Somos seres com capacidade de pensar. Coragem para decidir e dizer lá na frente, eu fiz o melhor de mim. Não pensei em consequências para si próprio ou na minha biografia. Poucos de nós, governadora, prefeito, ministros, outros prefeitos presentes, temos

o privilégio de poder decidir. Não vamos decidir com aquilo que por muitas vezes outros pensam. Vamos decidir porque nós pensamos (Biblioteca Presidência da República, 2021, parágrafo 41).

Afinal, seria Bolsonaro a pessoa capaz de decidir questões de ordem da saúde? Levantar esse questionamento é notar a estratégia de credibilidade. Charaudeau (2011) aponta que a credibilidade está relacionada a um sujeito ser confiável e, para tanto, deve discursar com saberes validados. Trata-se, inclusive, de uma construção para criar uma imagem apropriada de crédito. Na situação de comunicação, para as pessoas presentes com as quais Bolsonaro quer projetar o discurso (TUd), ele é um sujeito capaz de persuadir aquele público pela performance e pelas condições de eficácia do que fala, tomando, mesmo que de forma imprecisa, o exemplo de Chapecó. Nas plataformas digitais, especificamente quando atentamos para o chat ao vivo do YouTube, grande parte dos comentários é de aprovação e confiança em Bolsonaro. Porém, nesse mesmo espaço e em outros que chega esse discurso (TUj), Bolsonaro é questionado sobre a credibilidade forjada e sobre não ser um político com o qual se pode confiar, sobretudo com as fake news envoltas em seu histórico.

Tonificação de abjeções e estigmas

Abrimos esta seção com a decupagem *ipsis litteris* do trecho do discurso de Jair Bolsonaro, publicada pelo governo federal, no qual faz referência à epidemia de HIV/aids. As frases ditas por ele articulam, sem qualquer fonte científica de validade ou veracidade, um período histórico epidêmico à pandemia, assim como, implicitamente, evoca preconceitos e violências contra indi-

víduos estigmatizados pela heteronormatividade que guia a cultura ocidental.

Depois para comer etapas, tivemos a questão da AIDS. No início dos anos 80, isso mesmo doutor Queiroga? Eu lembro que eu estava baixado no hospital com os quatro membros fraturados. E convivi com alguns que chegavam para baixar no Hospital Central do Exército. Naquela época, o que que foi usado para combater o HIV? O AZT, ou não foi? Coquetel de AZT, era comprovado cientificamente? Não. Se não tivesse usado, não chegaríamos no futuro ao coquetel. Que dá quase uma condição de vida normal a aquele que contraiu o vírus.

Agora, por que não se combateu também? Porque era o HIV, mas voltado a uma classe específica. Que tinham comportamentos sexuais diferenciados e também se contraía via injeção, via compartilhamento de agulhas. E ninguém foi contra. Isso foi ou não algum off label, algo fora da bula? E chegou-se a bom termo no futuro. Até hoje ainda não temos uma vacina para isso (Biblioteca Presidência da República, 2021, parágrafo 17-18).

De imediato, a associação feita discursivamente visa ratificar o uso de medicações sem comprovação para tratamento de uma doença. No entanto, as palavras mobilizadas carregam sentidos de abjeção e de estigmatização. Miskolci (2020, p. 44) escreve que “a abjeção é, portanto, facilmente associada à sexualidade”, haja vista que esse marcador social da diferença é atribuído em uma escala de normalidade e anormalidade dentro da cultura. Dizer “porque era o HIV, mas voltado a uma classe específica. Que tinham comportamentos sexuais diferenciados [...]” é uma articulação pejorativa carregada de repulsa, com vistas a diferenciar indivíduos. Da mesma forma, os gestos que faz para se referir a pessoas que usavam drogas. O histórico de Bolsonaro é manchado por rastros LGBTfóbicos em discursos que acenam para interesses

violentos, forjados de defesa conservadora de família, infância e heteronormatividade. Ao dizer expressões como “classe espe-

cífica” e “comportamentos sexuais diferenciados”, Bolsonaro implicitamente resgata a estigmatização.

Figura 5 — Momentos em que Bolsonaro faz gestos para se referir à sexualidade e ao uso de drogas



Fonte: CanalGov (2021, 36min18s-36min26s)

Goffman (1988) assinala como estigma o processo de diminuição de uma pessoa a partir de uma marcação considerada depreciativa que lhe faria não ser humano. Logo, classificaria como anormal e passível de vio-

lência. Entre três possibilidades de estigma (Goffman, 1988), parece-nos que, quando diz da sexualidade, o discurso de Bolsonaro se volta a uma “culpa de caráter individual”; já, ao se referir a pessoas que usavam dro-

gas injetáveis, aproxima-se da “abominação do corpo” juntamente à “culpa de caráter individual”.

Cabe reiterar que nenhuma palavra é à toa e o emprego em um ato de linguagem não é aleatório. Para se caracterizar como violência verbal, como explica Charaudeau (2019), é preciso, fundamentalmente, da interpretação dos interlocutores que consideram ter sido feridos de algum modo. Nesse sentido, é fundamental ter como horizonte que “as palavras não são inocentes, mesmo que não matem, elas podem ferir mortalmente”, como escreve Charaudeau (2019, p. 448). O emprego de determinadas palavras com o interesse de ferir alguém constitui um ato de linguagem caracterizado como violência verbal. O linguista segue com o apontamento de que “a violência verbal vem de um ato de linguagem que se manifesta pelo emprego de certas palavras, estruturas ou expressões capazes de ferir psicologicamente uma pessoa, presente ou ausente, diretamente dirigida ou em posição de terceiro” (Charaudeau, 2019, p. 446). Ele continua a argumentação com o registro de que “[...] como para qualquer outro ato de linguagem, o sentido do ato de agressão verbal e seu impacto dependem da interpretação do receptor” (Charaudeau, 2019, p. 446).

A história da epidemia de HIV/aids tem as abjeções como parte de reforços na perseguição contra pessoas cujas sexualidades não correspondem às lógicas heteronormativas. Miskolci (2020, p. 45) apreende que “[...] até hoje, ser chamado de homossexual quase sempre equivale a ser xingado, um chamado a se autocompreender e, ao mesmo tempo, a constatar a condenação social do que é”. Nesse sentido, o discurso de Bolsonaro traz o julgamento e a condenação de modo latente, nas entrelinhas, mas com sinalizações por meio do gesto e da insinua-

ção a um grupo social.

Com as considerações de violência verbal (Charaudeau, 2019), compreendemos o discurso como uma prática de agressão, considerando as reações de repúdio. A Agência Aids (2021) publicou que ativistas classificaram o discurso como equivocado, preconceituoso, desinformado e desserviço. No texto, há seis posicionamentos de pessoas importantes para o movimento contra as estigmatizações. Moysés Toniolo diz que “[Bolsonaro] simplesmente, de certa forma, mantém um discurso preconceituoso e homofóbico sobre a população LGBT, que naquela época era mais afetada pela epidemia” (Agência Aids, 2021, parágrafo 7). Hoje, no cenário pandêmico da covid-19, pessoas LGBTQIA+ estão em condições de vulnerabilidade, com vigor no Brasil, pela força normativa dos atravessamentos de gênero e sexualidade destacados em discursos governamentais, de saúde e cotidianos. Especificamente à figura presidencial no Brasil, Bolsonaro, cujo lastro histórico remonta para posicionamentos LGBTfóbicos, realizou discursos atravessados por crenças, opiniões e desinformações.

Tempos depois, ainda na presidência, Bolsonaro foi entrevistado em um podcast e realizou mais uma fala homofóbica, mas dessa vez relacionada à mpox, uma doença que teve associações indevidas com determinadas orientações sexuais. A fala nesse espaço se entrelaça a outros discursos, já ditos e outros que podem emergir na sociedade, e formam “[...] processos violentos que se alastram por meandros de abjeção, memórias de preconceito e reforços institucionais” (Procópio; Vieira Filho, 2022, p. 68).

Algumas notas finais

A pandemia de covid-19 não é apenas um fenômeno de saúde, mas transcende para

diferentes campos científicos, entre os quais situamos os estudos discursivos. Neste artigo, apresentamos uma situação de comunicação que ocorreu em meio ao caos pandêmico no Dia Mundial da Saúde, em 2021, um dia após o Brasil bater o recorde de mortes em 24 horas. Esse foi um entre muitos discursos de Jair Bolsonaro que negligenciaram a pandemia de covid-19 e as consequências sociais, tendo como foco privilegiar interesses pessoais, políticos e de aliados.

A data 7 de abril deveria representar um esforço governamental, ao nível mundial, a fim de assegurar condições de saúde para todas as pessoas. A Opa e a OMS escreveram no comunicado daquele ano que a covid-19 evidenciou as desigualdades do mundo, em que alguns podem ter acesso aos serviços de saúde com garantia de atendimento e cuidado, enquanto outras pessoas enfrentam situações de precariedade. Determinados grupos, por razão das marcações sociais de etnia e gênero na cultura, são os mais acometidos com inferioridades e prejuízos. E por isso, as organizações fizeram o apelo aos governantes para que a situação de injustiça e desigualdade fosse evitada.

No Brasil, como o discurso analisado evidenciou, juntamente a outros tantos processos comunicacionais envolvendo a liderança política daquele momento (Vieira Filho, 2022), posicionamentos contrários ao que organizações oficiais de saúde indicavam. Para além, o interesse em violentar verbalmente determinados indivíduos e grupos sociais prevaleceu. Ao invés de buscar medidas sanitárias e políticas públicas em consonância com a garantia de equidade de saúde, o que vivemos foi a tonificação das desigualdades, a patência da violência sem qualquer constrangimento e o aumento de vítimas em escalada.

Para encerrar, se fake news é um fenômeno de desinformação, com o qual se disputa uma narrativa a partir de um objetivo favorável para si ou para um conjunto de sujeitos, parece-nos que se torna, assim, um sinônimo para Bolsonaro. Sem identificação de fontes científicas, sem saberes validados ou sem temor pelo que pronuncia, o então presidente cria discursos em tom de exaltação para vangloriar interesses políticos e partidários, deixando o cuidado e a ética com a situação pandêmica em segundo plano. O ato de linguagem analisado aconteceu em 2021, mas, hoje, as consequências desse passado recente seguem presentes nas vidas dos brasileiros.

Referências

AGÊNCIA AIDS. **Comparação entre covid e HIV feita por Bolsonaro é preconceituosa, equivocada, desinformada e um desserviço para a população, dizem ativistas**. 2021. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/comparacao-entre-covid-e-hiv-feita-por-bolsonaro-e-preconceituosa-equivocada-desinformada-e-um-desservico-para-a-populacao-dizem-ativistas/>. Acesso em: 31 out. 2023.

ALVES, M. A. S.; MACIEL, E. R. H. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet & sociedade**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 144-171, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/44432>. Acesso em: 31 out. 2023.

BARBOSA, G. B.; COUTINHO, I. Infodemia: a pandemia que ainda não acabou. **Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social (Iniciacom)**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 38-51, 2023. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/4589/>. Acesso em: 31 out. 2023.

BIBLIOTECA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Reunião de trabalho com o prefeito de Chapecó, João Rodrigues**. 2021. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/discursos/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-reuniao-de-tra>

[balho-com-o-prefeito-de-chapeco-joao-rodri-gues](#) Acesso em: 31 out. 2023.

CANALGOV. **#AoVivo**: Reunião de trabalho em Chapecó (SC). 2021. 53min15s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z18xLxAKiZQ>. Acesso em: 31 out. 2023.

CATUCCI, A.; BORGES, C. **'Não vai ter lockdown', diz Bolsonaro após Brasil registrar 4,2 mil mortes em um dia**. G1. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/04/07/bolsonaro-chega-a-santa-catarina-para-visita-a-chapeco-no-oeste.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2023.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, P. Reflexões para a análise da violência verbal. **Revista Desenredo**, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 443-476, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v15i3.9916>. Acesso em: 31 out. 2023.

FALCÃO, P.; SOUZA, A. B. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2219>. Acesso em: 31 out. 2023.

G1. **Brasil bate marca de 4 mil mortes por Covid registradas em um dia pela 1ª vez e soma 337,6 mil na pandemia**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/brasil-bate-marca-de-4-mil-mortes-por-covid-registrados-em-um-dia-e-soma-3376-mil-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2023.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LYSARDO-DIAS, D. As contribuições de Patrick Charaudeau para o desenvolvimento da AD no Brasil. In: PAULA L.; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso no Brasil**: três épocas histórico-analíticas. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 161-180.

MACHADO, I. L. **Reflexões sobre uma corren-**

te da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida. Coimbra: Gracio Editor, 2016.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MISKOLCI, R. **Batalhas morais**: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MOTTA, A. **Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga**: os 4 ministros da Saúde da pandemia. Uol. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm#:~:text=Mandetta%2C%20Teich%2C%20Pazuello%20e%20Queiroga,ministros%20da%20Sa%C3%BAde%20da%20pandemia&text=Com%20a%20nomea%-C3%A7%C3%A3o%20de%20Marcelo,desde%20o%20in%C3%ADcio%20da%20pandemia>. Acesso em: 31 out. 2023.

PÉREZ NAVARRO, P. (Org.). **Margens da pandemia**: queerentenas viadas, boycetas, sapatrans, faveladas. Salvador: Editora Devires, 2021.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

PLENARIA Patrick Charaudeau. Publicado por Sistema Educativo Madero. [S. l.]. 2021, 125min20s, son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/live/pBC1dth8j1U?si=Uk-NhRSzGj_eU-iSf. Acesso em: 31 out. 2023.

PROCÓPIO, M. R.; VIEIRA FILHO, M. J. Da aids à mpox: Sentidos sobre homossexualidade em processos simbólicos estigmatizantes. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 17, n. 2, p. 57-72, 2022. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/539>. Acesso em: 31 out. 2023.

PROCÓPIO XAVIER, M. R.; VIEIRA FILHO, M. J. Conservadorismo acima de tudo e de todos: imaginários sociodiscursivos nos discursos de posse presidencial de 2019. **Mídia e Cotidiano**, v. 14, n. 3, p. 97-117, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.22409/rmc.v14i3.43167>. Acesso em: 31 out. 2023.

VIEIRA FILHO, M. J. “Mimimi”, “histeria”, “gripesinha”: imaginários sociodiscursivos da banalização da pandemia no Brasil em discursos presidenciais. MESTER, Los Angeles, v. 51, p. 157-179, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5070/m351055724>. Acesso em: 31 out. 2023.

VIEIRA FILHO, M. J.; PROCÓPIO, M. R. O ethos de Jair Messias Bolsonaro: uma análise discursiva dos discursos da posse presidencial. **Temática**, [S.l.], n. 8, p. 157-171, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/54522>. Acesso em: 31 out. 2023.

Recebido em: 22/10/2023
Aprovado em: 24/11/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.